



**EXPECTATIVAS
DOS EMPRESÁRIOS
AGRÍCOLAS**

Maria do Socorro Rosário

2001-2003

**Informação produzida
a partir de um painel
de produtores**

ÍNDICE

RESUMO	5
INTRODUÇÃO	7
1. PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO PAINEL DE EMPRESÁRIOS AGRÍCOLAS	8
2. EVOLUÇÃO DAS EXPECTATIVAS NO PERÍODO DE 1996 A 2001	11
3. EXPECTATIVAS PARA 2001-2003	13
3.1. INTENÇÕES DE CURTO PRAZO PARA A MODIFICAÇÃO DA EMPRESA	13
3.2. O SENTIDO DAS ESTRATÉGIAS DE MÉDIO PRAZO.....	18
3.3. A OBTENÇÃO DE RENDIMENTOS NÃO AGRÍCOLAS	24
3.4. A CONJUNTURA AGRÍCOLA EM 2001	29
3.5. PERSPECTIVAS DE MÉDIO PRAZO PARA A SITUAÇÃO PROFISSIONAL NA AGRICULTURA	34
3.6. PRINCIPAIS DIFICULDADES SENTIDAS PELO AGRICULTOR.....	42
CONCLUSÕES	46

Resumo

A informação sobre expectativas dos empresários agrícolas foi obtida através de entrevistas directas e pessoais realizadas junto de 1 241 produtores aderentes ao sistema RICA. Foram seleccionados cerca de 40% dos efectivos daquele sistema com base em critérios de conveniência, tendo em vista representar diversos segmentos da agricultura nacional.

As entrevistas realizaram-se nos meses de Novembro e Dezembro de 2000. Esta informação foi analisada após a integração de informação proveniente da Base de Dados RICA das empresas correspondentes(1999).

A generalidade dos empresários agrícolas encontra-se expectante, sem manifestar grande motivação para introduzir alterações no sistema de produção a curto ou a médio prazo.

As intenções de modificação do sistema de produção em 2001, foram detectadas em cerca de 21.4% dos inquiridos, com 5.0% e 16.4% dos mesmos, respectivamente, em processos de diminuição e aumento da actividade das empresas e essa perspectiva a médio prazo aumenta nas situações activas para 24.1%, com redução da manutenção e da expansão e cresce a retracção para 11.0%, o dobro da situação de curto prazo.

Cerca de 81.7% dos agricultores não tencionam complementar o rendimento agrícola com outras fontes. No entanto, 16.7% dos empresários pretendem recorrer a fontes de rendimento externas à exploração; apenas 1.6% dos produtores contactados admitem desenvolver formas complementares de rendimento internamente na empresa.

Na opinião dos inquiridos, a expectativa relativa ao ano de 2001 assemelha-se à do ano de 2000, com um ligeiro agravamento das tendências pessimistas para a generalidade dos produtores inquiridos - as opções “pior”, “igual” e “melhor” congregaram 50.9%, 39.9% e 9.2% dos empresários, respectivamente.

Sobre a perspectiva da actividade profissional nos próximos 2/3 anos, 60.3% declararam-se convictos de que no futuro próximo se assistirá a uma degradação da situação profissional; 30.3% consideraram que o quadro geral irá manter-se, e apenas 9.4% consideram mais optimista o seu enquadramento profissional futuro.

As dificuldades resultantes do Enquadramento Económico Global da actividade das empresas foram as mais referenciadas pelos inquiridos (51% das respostas); em segundo lugar, de forma distanciada deste primeiro conjunto de dificuldades, foram referidos os Bloqueamentos de Natureza Estrutural das Empresas (21% das respostas).

Introdução

Na presente conjuntura, em que os vectores carregados de acontecimentos cruzam as mentes (os espíritos), uns barrocos, outros minimalistas, a uma velocidade de luz (em directo), quando o impossível se torna realidade e a realidade não é contornável, as expectativas ganham conteúdos, formas, imagens, desejos, dando resultados diversos conforme a sua aprendizagem: podem-se manter as mesmas, ou tornarem-se mais consistentes mas também surgirem novas com outro sentido, dominância e flexibilidade.

É com estas movimentações globais que os agentes económicos têm de decidir quais as trajectórias a delinear e os percursos a trilhar mesmo em condições adversas, quer atmosféricas, quer políticas, quer económicas.

Este trabalho apresenta informação relativa às expectativas registadas por uma amostra de Empresários Agrícolas, inquirida desde 1996.

Estas expectativas, para 2001-2003, indicam-nos as tendências a curto e médio prazo, das dimensões e desempenhos por parte do empresário agrícola na sua empresa, a sua relação com a terra, a busca de outros rendimentos complementares, as motivações relativas à conjuntura actual e agrícola, o seu enquadramento profissional a médio prazo e dos acontecimentos que ocorrem no sector agrícola.

A recolha desta informação realiza-se anualmente desde 1996. A inquirição é feita pelos técnicos do MADRP, afectos ao sistema RICA. Estes contactam frequentemente os empresários agrícolas aderentes ao sistema, estando especialmente vocacionados para transmitir, os mais complexos argumentos dos inquiridos em questão. Os dados são provenientes de uma sub-amostra do painel RICA, que foi orientada por conveniência, para melhor representar os diversos segmentos da agricultura.

E não é demais lembrar, o esforço de todos os técnicos envolvidos nas diversas Regiões Agrárias, para o bom desenvolvimento desta linha de trabalho.

1. Principais características do painel de empresários agrícolas

A informação obtida relativamente às expectativas de 2001-2003 decorreu de entrevistas directas e pessoais a produtores que integram o painel de explorações agrícolas da RICA (cerca de 46% das observações). As entrevistas realizaram-se no mês de Novembro prolongando-se para o mês de Dezembro de 2000.

Esta informação foi analisada após a integração de informação de outras variáveis proveniente da Base de Dados RICA das empresas correspondentes, designadamente a Idade do Produtor, a Superfície Agrícola Útil da exploração, a sua Dimensão Económica e a Orientação Produtiva (de acordo com a Tipologia Comunitária das Explorações Agrícolas), o Nível de Rendibilidade da empresa e a Região Agrária na qual está localizada.

As observações trabalhadas distribuem-se, segundo os critérios referidos, da forma apresentada nos Quadros 1.1 a 1.6. A distribuição do painel por Região Agrária, para além das intenções traçadas no seu delineamento, reflecte também a aderência das estruturas regionais a esta iniciativa de trabalho. De salientar a recuperação da Região Autónoma dos Açores para o painel e assim um certo cuidado na apreciação das variáveis, quando da observação de tendências de um ano para outro.

A distribuição das empresas por Orientação Produtiva denota uma representação dos sistemas mais especializados, designadamente Bovinos e Horticultura.

No que diz respeito à Dimensão Económica da actividade das empresas, verifica-se uma concentração dos efectivos nas classes de dimensão média/média grande.

No que se refere à distribuição do painel pelos três níveis de Rendibilidade considerados (Rendibilidade Global dos Factores observada em 1999), verifica-se que cerca de 43% da amostra se situa na classe mais alta de nível de remuneração média dos factores (o que, em si, traduz nível aceitável/alto, de rendimento em termos absolutos), pertencendo 16% das observações à classe não rendível e 41% ao conjunto da classe de rendibilidade intermédia.

A amostra trabalhada contém uma representação relativamente uniforme dos diferentes Grupos Etários considerados, variando de 31% dos efectivos nas classes superior a 50 anos, até um máximo de 42% das observações no grupo etário com idade compreendida entre os 40 anos e os 50 anos, onde se concentra uma grande transferência de classe de idade .

Na Superfície Agrícola Utilizada há uma concentração nas classes com pequena ou pequena/média área.

Quadros 1.1 a 1.6 - Distribuição das Observações do “Painel Expectativas” Segundo Principais Características

Quadro 1.1- Região Agrária

	nº exp.	%	Rga 99(%)
Entre-Douro e Minho	183	14.7	22
Trás-os-Montes	198	16.0	16
Beira Litoral	80	6.4	14
Beira Interior	81	6.5	7
Ribatejo e Oeste	217	17.5	19
Alentejo	204	16.4	8
Algarve	52	4.2	5
Madeira	57	4.6	3
Açores	169	13.6	5
Total	1241	100	100

Quadro 1.2- Orientação Produtiva

	Nº exp.	%	Rga 99(%)
Grandes Culturas	103	8.3	10
Horticultura	110	8.9	5
Cult. permanentes	304	24.5	41
Bovinos	319	25.7	10
Ovinos	126	10.2	8
Policultura	124	10.0	12
Agro-pecuária	142	11.4	13
Pecuária sem terra	13	1.0	2
Total	1241	100	100

Rga 99-Recenseamento Geral Agrícola 1999 (% sem as explorações com menos de 2UDE)

Quadro 1.3 -Dimensão Económica

	nº exp.	%	Rga(99%)
Pequenas	151	12.3	43
Pequenas/médias	176	14.2	27
Médias	330	26.6	15
Médias Grandes	432	34.8	10
Grandes	152	12.1	5
Total	1241	100	100

Quadro 1.4 -Nível de Rendibilidade

	nº exp.	%
Fraco	199	16.0
Médio	506	40.8
Elevado	536	43.2
Total	1241	100

Quadro 1.5 - Idade

	nº exp.	%
<= 40 anos	321	25.9
40 a <=50 anos	485	39.1
50 a <=60 anos	246	19.8
> 60 anos	189	15.2
Total	1241	100

Quadro 1.6- Superfície Agrícola Utilizada

	nº exp.	%
Pequena	317	25.5
Pequena/média	466	37.6
Média	240	19.3
Média/grande	218	17.6
Total	1241	100

Cerca de 63% das observações são constituídas por empresas com menos de 20ha de Superfície Agrícola Utilizada, integrando o painel 18% de empresas com mais de 50 ha de área agrícola.

2. Evolução das expectativas no período de 1996 a 2001

A partir da informação recolhida em anos anteriores, é possível observar a evolução verificada nas expectativas dos produtores contactados nas sucessivas operações, com o objectivo de enquadrar os anos na tendência observada nos anos mais recentes. Assim, apesar da composição do painel se ter alterado de um ano para o outro, normalmente por razões que se prendem com a organização interna dos serviços envolvidos, identificaram-se 454 produtores presentes no conjunto destas seis operações.

Desta forma é possível trabalhar os dados de forma agregada, relativamente a questões menos abertas. Para tal, foram utilizados os apuramentos da questão colocada relativamente ao "*futuro (2/3 anos) da profissão de agricultor*", uma vez que esta será, muito provavelmente, aquela que melhor representará a percepção que cada um dos inquiridos possui relativamente ao seu futuro como profissional da agricultura. A posição de cada empresário face à questão colocada foi tratada como pergunta de resposta fechada, prevendo-se as hipóteses "*melhor*", "*igual*" e "*pior*". A evolução verificada contém transferências de posição ao longo do período, em vários sentidos.

Quadro 2.1-Evolução das expectativas a Médio Prazo de 1996 a 2001

Tendência	19 96		19 97		19 98		19 99		20 00		20 01	
	nº exp.	%	nº exp.	%	Nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	Nº exp.	%
Pessimista	254	55.9	263	57.9	286	63.0	295	65.0	300	66.1	309	68.1
Expectante	125	27.5	140	30.8	131	28.9	127	28.0	123	27.1	119	26.2
Optimista	75	16.5	51	11.2	37	8.1	32	7.0	31	6.8	26	5.7
Total	454	100	454	100	454	100	454	100	454	100	454	100

O pessimismo assume neste período valores entre 55.9% e 68.1% dos inquiridos, aumentando 2.0%, em 97, mais 5.1% em 98, abrandando para 2.0% em 99 e 1.1% no ano seguinte e subindo no ano de 2001, de 2.0%. Este reforço da posição pessimista tem origem no "*grupo pessimista*" de partida (1996) e com a participação daqueles que assumiam uma atitude expectante: em cerca de 20.2% em 1997, 23.4% em 1998, decresce em 1999, 2000 e 2001, com 18.3, 18.0 e 17.2 pontos percentuais respectivamente; de igual forma, o "*grupo optimista*" de 1996 cedeu para o pessimista cerca de 10.3% dos seus efectivos em 1997, diminuiu para 7.3% e 6.8% em 1998 e 1999, e volta a decrescer em 2000 e 2001 para valores de 5.7 e 5.2%.

Por outras palavras, o fenómeno pessimista mostra uma tendência crescente (12.2% no período em análise), mas o seu ritmo registou um ligeiro decréscimo nos anos de 1999 e 2000, para neste ano de 2001, voltar a crescer.

O sentido inverso foi observado dentro dos posicionamentos optimistas, que começam com 16.5% e em 2001 apresentam 5.7%, (uma quebra de 10.8 pontos percentuais). Dos valores optimistas observados inicialmente, como base de partida, eles decresceram de uma forma não contínua, ao longo destes anos, a partir de 47.1% dos inquiridos em 1997, de 27.0% em 1998, de 31.3% em 1999, 19.4% em 2000 e 23.1% em 2001. Essa mudança de opinião foi realizada pela transferência de cerca de 68% do “*grupo optimista*” de 1996 para as outras situações, de 80.4% em 1997, de 73.0% em 1998, de 81.2% em 1999, de 80.6 % em 2000 e 77% em 2001.

No entanto, é curioso observar que, em termos relativos, é o grupo pessimista que maiores efectivos cede ao grupo optimista, com 37.3% dos seus efectivos de 1997, 40.5% dos de 1998 e 37.5% em 1999, 48.4% em 2000 e 38.5 em 2001. A participação do “*grupo expectante*” ronda, ainda em termos relativos, 15.7%, 32.4%, 31.3%, 32.3% e 38.5% dos seus efectivos nos respectivos anos. De notar, contudo, que o número de empresários que manifestaram expectativas optimistas neste período retraiu-se em cerca de 65.3%.

As atitudes expectantes constituíram um posicionamento quase constante ao longo deste período (cresce 3.3% no primeiro ano e decresce 1.9% em 1998 e volta a decrescer de uma forma constante, 0.9% nos últimos três anos. Em termos do conjunto de inquiridos, o “*grupo expectante*” representa entre 26% e 31% do total de inquiridos para os vários anos. Essa manutenção de posição relativa resulta da conjugação de diversos factores: dos empresários que mantiveram as suas posições (os quais representam 45.7%, 46.6% e 52.8% e 51.2% e 50.4 nos cinco anos consecutivos) e também, da alteração de opinião do “*grupo pessimista*” (em 1997, deslocaram-se para esta posição 37.1% dos inquiridos, de 38.2% em 1998, e nos três anos seguintes cerca de 42%). Apesar de participar com valores mais baixos, o “*grupo optimista*” contribuiu com 17.1%, 15.3%, 5.5%, 7.3% e 7.6% respectivamente nos cinco anos.

3. Expectativas para 2001-2003

3.1. Intenções de curto prazo para a modificação da empresa

Quanto à intenção de modificação do sistema de produção em 2001, nas respostas obtidas para as opções de *diminuição*, *aumento* e *manutenção* do actual sistema de produção, foram apurados os valores de 5.0, 16.4 e 78.6 % dos inquiridos, (em 2000 foi 4.1, 13.4 e 82.6 %), respectivamente, onde se observa um aumento de 4% de situações activas com maior valor no aumento do sistema de produção, cerca de 3%. Continua a verificar-se uma muito forte tendência para a estabilidade a curto prazo, para a generalidade das classes etárias, dos sistemas produtivos, das classes de dimensão económica e nível de rentabilidade assim como a distribuição por todas as regiões.

As intenções de modificação dos sistemas diferem com a classe etária dos empresários. O grupo com menos de 40 anos apresenta uma forte participação no total que pretende desenvolver o sistema de produção, com 38% . Note-se que o grupo etário superior a 60 anos é aquele que mais contribui para a estratégias de retracção dos sistemas de produção, que soma 35% das intenções.

Quadro 3.1.1- Estratégias de curto prazo por Classe Etária

Idade	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
<= 40 ANOS	16	26	26	23	39	38	27	26
40 a <=50 ANOS	16	24	24	40	30	38	25	39
50 a <=60 ANOS	29	15	23	21	14	17	22	20
> 60 ANOS	39	35	27	16	17	7	26	15
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	49	62	997	975	161	204	1207	1241

De 2000 para este ano, a contribuição para a diminuição acentuou-se nas duas classes mais jovens, enquanto que cresceu a importância da classe de 40-50 anos, e da seguinte para o aumento do sistema de produção.

Em termos de dimensão física, as intenções de modificação no sentido da diminuição encontram-se distribuídas pelas duas classes de menor dimensão física. O aumento é mais característico dos empresários que trabalham em dimensões superiores a 20 ha.

Quadro 3.1.2 - Estratégias de curto prazo por classe de Dimensão Física (SAU)

Dimensão Física	Diminuição		S/ Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
<= 5 ha	45	27	34	27	16	20	32	25
5 a <=20 ha	41	45	36	38	42	34	37	38
20 a <=50 ha	8	19	14	18	23	26	15	19
> 50 ha	6	8	16	17	19	20	16	18
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	49	62	997	975	161	204	1207	1241

De um ano para o outro, nota-se uma concentração na classe de 5 a 20 ha, como também um aumento significativo de classe de 20 a 50 ha para a diminuição, e das classes superiores a 20 ha no sentido do aumento, como também a de menos de 5 ha.

Quando se aborda a alteração dos sistemas, pela sua orientação produtiva, verifica-se que a diminuição é mais pretendida pela classe de bovinos, como também o contrário, o aumento do sistema de produção. De salientar que os ovinos, apesar de concorrer com uma percentagem menor, também pontua nas duas tendências opostas

Em geral a Horticultura apresenta uma maior tendência para a diminuição enquanto que as Culturas Permanentes para o aumento.

Nos dois anos em causa, a diminuição concentra-se nos Bovinos e também nas Culturas Permanentes, apesar de ligeiro. O aumento verifica-se com menor intensidade nos Bovinos, Ovinos e Culturas Permanentes

Quadro 3.1.3 - Estratégias de Curto Prazo por Classe de Orientação Produtiva (OTE)

Orientação	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
Produtiva	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
Grandes Culturas	16	6	10	9	8	5	10	8
Horticultura	16	10	10	9	9	7	11	9
Cult. Permanentes	15	18	26	25	25	26	25	25
Bovinos	19	35	16	24	25	31	17	26
Ovinos	16	13	10	10	9	11	10	10
Policultura	6	6	12	12	8	8	11	10
Agro-pecuária	12	10	16	10	16	11	16	11
Pecuária sem terra	0	2	0	1	0	1	0	1
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	49	62	997	975	161	204	1207	1241

Relativamente à Dimensão Económica da actividade das empresas, verifica-se que as classes com dimensão superior a 16 UDE, são as mais susceptíveis de modificações no sentido do aumento do sistema. Na classe de 16 a 40 UDE, por outro lado, concentra-se os que pretendem a diminuição.

Quadro 3.1.4 - Estratégias de Curto Prazo por Classe de Dimensão Económica (UDE)

Dimensão Económica	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
<4 UDE	14	10	15	13	4	6	14	12
4 a <8 UDE	19	18	16	15	12	10	15	14
8 a < 16 UDE	20	22	27	27	31	27	27	27
16 a < 40 UDE	37	42	30	33	35	42	31	35
>= 40 UDE	10	8	12	12	18	15	13	12
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	49	62	997	975	161	204	1207	1241

Ao compararmos os dois anos, a diminuição acentua-se nas classes de 8 a 40 UDE e o aumento progride apenas na classe de 16 a 40 UDE.

As intenções de modificação distinguem-se igualmente quando se consideram os diversos níveis de Rendibilidade das empresas, verificando-se uma clara tendência para o

aumento nas duas classes de maior nível de Rendibilidade e para a retracção nas duas classes extremas de Rendibilidade.

Quadro 3.1.5- Estratégias de Curto Prazo por Nível de Rendibilidade

Nível De	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
Rendibilidade	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
<= 0.5	41	19	29	18	10	8	27	16
0.5 a <=0.9	37	37	47	40	50	45	47	41
>0.9	22	44	24	42	40	47	26	43
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	49	62	997	975	161	204	1207	1241

A tendência dos anos em causa mostra uma concentração quer da diminuição quer do aumento na classe rendível.

A estratégia da diminuição está presente com intensidade nas regiões de Ribatejo e Oeste, Açores e Beira Litoral, e o movimento de aumento, tem a sua maior expressão em Trás os Montes e Entre Douro e Minho.

Quadro 3.1.6 - Estratégias de Curto Prazo por Região Agrária

Região Agrária	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
E.Douro e Minho	20	15	16	14	17	18	16	15
Trás-os-Montes	10	5	17	16	30	21	18	16
Beira Litoral	20	11	10	6	13	6	11	6
Beira Interior	8	6	7	6	4	8	7	7
Ribatejo e Oeste	32	29	20	17	17	16	20	17
Alentejo	2	6	18	18	14	13	17	16
Algarve	6	5	4	4	4	3	4	4
R. A. da Madeira	0	0	8	6	1	2	7	5
R. A. Açores	0	23	0	13	0	13	0	14
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	49	62	997	975	161	204	1207	1241

De um ano para o outro, comparando os dois anos o Alentejo aumenta mais a percentagem no sentido da diminuição, e a Beira Interior no sentido do aumento.

3.2. O sentido das estratégias de médio prazo

O sentido imprimido a médio prazo à exploração agrícola foi retractado através de três opções principais, designadamente a *manutenção*, a *expansão* e a *retracção* dos sistemas, tendo cada uma delas atingido globalmente 76.0%, 13.1% e 11.0% dos inquiridos, respectivamente, e apresentaram valores relativamente semelhantes ao ano anterior, cerca de 82.2%, 13.4% e 9.5%, tendo aumentado as situações activas, mais no sentido da retracção.

Tal como nas intenções expressas relativamente ao curto prazo, predominam atitudes expectantes de não modificação sensível dos sistemas produtivos, distribuindo-se este posicionamento de forma quase uniforme por todas as regiões trabalhadas.

Considerando a decomposição das estratégias identificadas por Classe Etária (Quadro 3.2.1), verifica-se que a retracção é uma opção dos empresários com mais de 60 anos, que participam em 28% dessa estratégia. Por outro lado, o grupo formado pelos empresários com idade menor ou igual a 40 anos, pretende, a médio prazo, concretizar uma estratégia de aumento sensível do actual sistema de produção, actuando com 38% desse sentido.

Quadro 3.2.1- Estratégias de médio prazo por Classe Etária

Idade	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
<= 40 ANOS	19	16	26	25	37	38	27	26
40 a <=50 ANOS	16	35	25	40	30	39	25	39
50 a <=60 ANOS	27	21	22	21	19	14	22	20
> 60 ANOS	38	28	27	14	14	9	26	15
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	115	136	931	943	161	162	1207	1241

De um ano para o outro, é a classe de 40 a 50 anos, que aumenta o valor da percentagem que pretende retrain a empresa, e a expansão se verifica nas duas classes mais jovens.

Os apuramentos por classe de SAU indicam que a retracção se concentra nas classes de empresas com menos de 20 ha de SAU. A expansão por outro lado distribui-se mais nas classes com mais de 5 ha de SAU.

Quadro 3.2.2 - Estratégias de médio prazo por classe de Dimensão Física (SAU)

Dimensão Física	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
<= 5 ha	40	30	34	26	16	19	32	25
5 a <=20 ha	33	42	37	37	40	36	37	38
20 a <=50 ha	14	16	13	19	22	22	15	19
> 50 ha	13	12	16	18	22	23	16	18
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	115	136	931	943	161	162	1207	1241

Por tendência, a relação entre os dois anos mostra um aumento da retracção na classe de 5 a 20 ha, enquanto que a expansão é efectuada pela classe mais pequena de dimensão física e também pela de maior dimensão

Relativamente às orientações produtivas, os dados trabalhados sugerem-nos que cerca de 50% de retracção é proveniente das classes orientadas para os Bovinos, Ovinos e Policultura e apresentam valores sensivelmente semelhantes para a situação oposta de expansão. Cerca de 29% das opções de expansão são devidas às Culturas Permanentes assim como as classes orientadas para Grandes Culturas e Horticultura, que participam nas intenções de retracção, com 21% dessa opção.

Quadro 3.2.3- Estratégia de Médio Prazo por Orientação Produtiva

Orientação Produtiva	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
Grandes Culturas	15	11	9	8	11	6	10	8
Horticultura	16	10	10	9	9	7	11	7
Cult. Permanentes	17	15	26	25	29	29	25	25
Bovinos	16	27	17	26	19	26	17	26
Ovinos	16	13	9	9	10	12	10	10
Policultura	7	11	12	10	9	11	11	10
Agro-pecuária	13	12	17	12	13	7	16	11
Pecuária sem terra	0	1	0	2	0	2	0	1
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	115	136	931	943	161	162	1207	1241

De um ano para o outro verifica-se um aumento de expansão, nos Bovinos, Ovinos e Policultura e onde se verifica uma maior concentração de retracção é nos Bovinos.

Quando observada a decomposição do painel através da Dimensão Económica das empresas, verifica-se uma maior predisposição para a retracção nas classes de 4 a 16 Ude. O valor da expansão é superior nas duas classes maiores.

Quadro 3.2.4 - Estratégias de Médio Prazo por Classe de Dimensão Económica (UDE)

Dimensão Económica	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
<4 UDE	11	10	16	14	5	5	14	12
4 a <8 UDE	18	23	16	14	12	8	15	14
8 a < 16 UDE	28	29	27	26	27	27	27	27
16 a < 40 UDE	33	32	29	34	37	42	31	35
>= 40 UDE	10	6	12	12	19	18	13	12
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	115	136	931	943	161	162	1207	1241

Quando se relaciona os dois últimos anos observa-se um aumento da retracção nas classes com mais de 4 a 16 UDE, assim como a expansão continua concentrada na classe 16 a 40 UDE.

Os apuramentos efectuados com base no nível de Rendibilidade indicam que, tal como no curto prazo, as empresas de classe intermédia a alta rendibilidade possuem maior apetência para a expansão dos sistemas produtivos do que as que obtiveram resultados económicos de nível inferior e a retracção está distribuída por todas as classes.

Quadro 3.2.5 - Estratégias de Médio Prazo por Níveis de Rendibilidade

Nível de Rendibilidade	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
< = 0.5	41	23	29	16	10	9	27	16
0.5 a <=0.9	37	38	47	41	50	42	47	41
>0.9	22	47	24	43	40	49	26	43
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	115	136	931	943	161	162	1207	1241

Comparando os dois anos, é no grupo de rendimento mais elevado que se verifica um aumento de percentagens na retracção como também no sentido da expansão.

Nas regiões agrárias, a retracção concentra-se em Ribatejo e Oeste, mas também em Trás os Montes e Entre Douro e Minho, esta última região também apresenta valores elevados para a expansão, conjuntamente com o Algarve, o Alentejo e a Beira Interior.

Quadro 3.2.6 - Estratégias de Médio Prazo por Região Agrária

Região Agrária	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
E.Douro e Minho	11	17	18	14	12	25	17	15
Trás-os-Montes	11	23	17	15	29	5	18	16
Beira Litoral	10	6	11	7	8	0	11	6
Beira Interior	7	8	7	6	8	10	7	7
Ribatejo e Oeste	38	28	17	15	21	15	20	17
Alentejo	13	6	17	18	17	20	17	16
Algarve	10	3	4	4	3	10	4	4
R. A. da Madeira	0	5	9	5	2	5	7	5
R.A. Açores	0	4	0	16	0	10	0	14
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

Total de Explorações	115	136	931	943	161	162	1207	1241
-----------------------------	------------	------------	------------	------------	------------	------------	-------------	-------------

Comparando os dois anos, a retracção eleva-se em Trás os Montes, Entre Douro e Minho e Madeira. Por seu lado, a expansão acentua-se em Entre Douro e Minho e Algarve, é ligeiro na Beira Interior e Alentejo.

Os resultados obtidos relativamente às estratégias de médio prazo podem ser confrontadas com as intenções de curto prazo atrás referidas. A relação estabelecida entre as respostas a estas duas questões foi efectuada relacionando o número de inquiridos que manifestaram o mesmo tipo de intenção activa para as suas empresas a médio e curto prazo.

A médio prazo prevê-se uma retracção maior do que a presente, mas numa relação de cerca de 2.2 empresas a médio prazo para uma empresa a curto prazo. No que se refere à expansão, a relação médio/curto prazo, não chega ao valor da unidade, (0.8), havendo assim menor expansão a médio prazo. O crescimento da situação de retracção é proveniente dos que indicaram a manutenção e expansão a curto prazo.

3.3. A obtenção de rendimentos não agrícolas

Auscultou-se a intenção de obter novas fontes de rendimentos (não agrícolas) ou de reforçar as já existentes, diferenciando-se os rendimentos obtidos de forma exterior à empresa dos que nela são realizados.

Cerca de 81.7% dos agricultores não tencionam complementar o rendimento agrícola com outras fontes. No entanto, 16.7% dos produtores contactados pretendem recorrer a fontes externas à exploração, mas apenas 1.6% admitem desenvolver formas complementares de rendimento internamente na empresa, percentagens relativamente semelhantes ao do ano anterior com 80%, 18% e 2% respectivamente.

A procura de rendimentos complementares por classe etária indica que as opções externas na empresa são mais participadas pelos grupos com idade inferior aos 50 anos, atingindo cerca de 76% dos entrevistados. O grupo mais jovem encontra-se distribuído,

com valores de 31% e 40 % para ambas as situações. Dentro da exploração, é o grupo mais jovem que mais predomina.

Quadro 3.3.1 - Rendimentos Complementares por Classe Etária

Idade	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
<= 40 ANOS	38	31	25	25	29	40	27	26
40 a <=50 ANOS	34	45	23	38	6	35	25	39
50 a <=60 ANOS	18	18	22	20	36	20	22	20
> 60 ANOS	10	6	30	17	29	5	26	15
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	221	206	964	1015	17	20	1207	1241

Nos dois anos a tendência mantém-se para a procura exterior em todos os grupos etários com predominância no grupos de 40 a 50 anos, enquanto que os rendimentos complementares provenientes de dentro da exploração tem um acréscimo significativo nos dois grupos mais jovens.

A procura de rendimentos complementares, no exterior, quando analisada por classes de SAU, indica uma maior frequência nesta opção das classes de dimensão pequena/média, classes de menos de 20 ha de SAU. Porém, está praticamente em todas as classes, a busca de rendimentos complementares dentro da própria exploração, com excepção de classe maior.

Quadro 3.3.2- Rendimentos Complementares por Classe de Área (SAU)

Dimensão Física	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
<= 5 ha	40	34	30	24	18	30	32	25
5 a <=20 ha	39	39	37	37	41	30	37	38
20 a <=50 ha	15	20	14	19	24	30	15	19
> 50 ha	5	7	19	20	18	10	16	18
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	221	206	964	1015	17	20	1207	1241

Ao relacionar os dois anos a tendência mantém-se na procura externa, com excepção da classe de com menos de 5 ha e dentro da exploração aumentam nas classes de menos de 5 ha e de 20 a 50 ha.

Quando analisadas as intenções de busca de rendimentos complementares por orientação produtiva, verificou-se uma maior frequência desta intenção nos sistemas produtivos de Culturas Permanentes, quer no que diz respeito a rendimentos exteriores à exploração, quer nos rendimentos internos. Em geral, a classe ligada aos Ovinos está mais direccionada para o rendimento interno, enquanto que a classe orientada para a Policultura tenciona buscar rendimento exterior em termos percentuais.

Quadro 3.2.3- Rendimentos Complementares por Orientação Produtiva

Orientação Produtiva	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
Grandes Culturas	11	8	10	8	0	0	10	8
Horticultura	15	11	10	8	0	10	11	9
Cult. Permanentes	26	32	25	23	35	30	25	25
Bovinos	15	16	17	28	6	25	17	26
Ovinos	7	5	10	11	41	15	10	10
Policultura	13	16	11	9	12	10	11	10
Agro-pecuária	13	10	17	12	6	10	16	11
Pecuária sem terra	0	2	0	1	0	0	0	1
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	221	206	964	1015	17	20	1207	1241

De um ano para o outro verifica-se uma concentração de busca exterior na classe de Culturas Permanentes e um aumento ligeiro na Policultura. A proveniência de rendimentos de dentro da exploração está a ser muito indicada pelas classes ligadas a Bovinos, a Horticultura e também Agro-pecuária.

Quando observada a decomposição do painel através da Dimensão Económica das empresas, verifica-se uma maior predisposição para o complemento exterior das três classes de menor UDE. A utilização de rendimentos gerados no interior da empresa, é feita pelas duas classes de mais de 16 UDE.

Quadro 3.2.4 - Rendimentos Complementares por Classe de Dimensão Económica (UDE)

Dimensão Económica	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
<4 UDE	19	20	13	11	0	5	14	12
4 a <8 UDE	16	19	15	13	29	10	15	14
8 a < 16 UDE	31	27	26	27	36	25	27	27
16 a < 40 UDE	25	26	32	36	29	40	31	35
>= 40 UDE	9	8	14	13	6	20	13	12
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	221	206	964	1015	17	20	1207	1241

Quando se relaciona os dois últimos anos o complemento externo aumenta ligeiramente nas duas classes mais pequenas e na de 16 a 40 UDE e aumenta substancialmente de valor na obtenção de rendimentos dentro da exploração nas classes com mais de 16 UDE.

Os apuramentos efectuados com base no nível de Rendibilidade indicam que, as empresas mais rendíveis possuem maior apetência para a obtenção de rendimentos dentro da exploração, contrariamente das menos rendíveis que procuram fora da empresa.

Quadro 3.2.4 - Rendimentos Complementares por Níveis de Rendibilidade

Nível de Rendibilidade	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
<= 0.5	35	26	25	14	24	10	27	16
0.5 a <=0.9	41	40	48	41	47	30	47	41
>0.9	24	34	27	45	29	60	26	43
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	221	206	964	1015	17	20	1207	1241

Comparando os dois anos é no grupo rendível que se verifica aumentos de percentagens na busca externa e interna, sendo neste último caso, quase o dobro do valor.

A busca de rendimentos exteriores distribuem-se com maior intensidade nas regiões de Ribatejo e Oeste, Trás os Montes e Entre Douro e Minho. Essa mesma busca feita dentro da própria exploração é sugerida também por Entre Douro e Minho e pelas regiões de Algarve, Alentejo e Beira Interior.

Quadro 3.2.6 - Rendimentos Complementares por Região Agrária

Região Agrária	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
E.Douro e Minho	24	17	15	14	18	25	16	15
Trás-os-Montes	15	23	19	15	28	5	19	16
Beira Litoral	8	6	11	7	0	0	11	6
Beira Interior	10	8	6	6	18	10	7	7
Ribatejo e Oeste	30	28	17	15	12	15	20	17
Alentejo	6	6	19	18	18	20	17	16
Algarve	2	3	5	4	0	10	4	4
R. A. da Madeira	5	5	8	5	6	5	7	5
R.A. Açores	0	4	0	16	0	10	0	14
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	221	206	964	1015	17	20	1207	1241

Comparando os dois anos, continua a tendência de Trás os Montes no complemento externo, enquanto que dentro da exploração são as regiões de Entre Douro e Minho, Algarve e Ribatejo e Oeste, que mais aumentam os seus rendimentos complementares.

3.4. A conjuntura agrícola em 2001

A questão foi colocada numa altura em que já se configuravam as características que marcam a campanha agrícola de 2000/2001. A maior parte dos empresários foram inquiridos nos seguintes termos: “*Como considera o ano agrícola de 2001 em relação ao ano de 2000?*”. Optou-se por uma pergunta com resposta fechada, prevendo-se as opções “*pior*”, “*igual*” e “*melhor*”. Globalmente, foram apurados os valores de 50.9%, 39.9% e 9.2% respectivamente, (no ano anterior foram apurados os valores de 37%,

49% e 14%), o que denota uma tendência bastante pessimista para a generalidade dos produtores inquiridos.

A tendência a piorar é assinalada por todos os grupos etários, com maior ênfase das classes com mais de 40 anos. A situação será melhor, está distribuída por todas as classes mas é mais relevante pelo grupo com idade superior a 60 anos.

Quadro 3.4.1 - O ano decorrente relativamente ao anterior, por Classe Etária

Idade	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
<= 40 ANOS	21	21	32	32	28	26	27	26
40 a <=50 ANOS	26	41	24	39	24	33	25	39
50 a <=60 ANOS	24	22	20	17	20	17	22	20
> 60 ANOS	29	16	24	12	28	24	26	15
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	446	631	594	496	167	114	1207	1241

Por comparação dos anos, o pessimismo acentua principalmente nas classes com mais de 40 a 50 anos, e por sua vez é a única classe que aumenta a tendência de melhoria.

Em relação às classes de SAU, o optimismo é encontrado com maior frequência nas classes com mais de 5 a 20 ha de SAU, como também o pessimismo.

Quadro 3.4.2- O ano decorrente relativamente ao anterior, por Classe de SAU

Dimensão Física	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
<= 5 ha	33	25	34	26	21	26	32	25
5 a <=20 ha	40	40	38	34	28	41	37	38
20 a <=50 ha	14	20	14	20	17	14	15	19
> 50 ha	13	15	14	20	34	19	16	18
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	446	631	594	496	167	114	1207	1241

Em relação aos anos considerados, o pessimismo aumenta ligeiramente nas classes de mais de 20 ha. O optimismo cresceu de uma forma acentuada nas classes com menos de 20 ha.

Na decomposição da amostra por Orientação Produtiva verifica-se que, para a situação do ano de 2001 ser pior do que 2000, a classe orientada para os Bovinos, em conjunto com a orientada para Culturas Permanentes, participam em 48% nessa penalização. À data do inquérito, consideraram o ano de 2001 melhor do que o ano anterior, as classes com orientação para as Culturas Permanentes(33%), de Bovinos(18%) e de Agro-Pecuária(17%), acompanhadas pelas explorações que participam na classe orientada para a Horticultura, mas com menor frequência.

Quadro 3.4.3 - O ano decorrente relativamente ao anterior, por Orientação Produtiva

Orientação Produtiva	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
Grandes Culturas	13	10	6	7	13	5	9	8
Horticultura	9	8	13	10	6	10	8	9
Cult. Permanentes	23	22	29	25	22	33	22	25
Bovinos	16	26	17	27	19	18	23	26
Ovinos	9	10	10	10	12	9	10	10
Policultura	11	11	11	10	11	6	11	100
Agro-pecuária	19	12	14	10	17	17	15	12
Pecuária sem terra	0	1	0	1	0	2	2	1
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	446	631	594	496	167	114	1207	1241

A relação entre os dois tempos mostram um acréscimo do pessimismo na classe orientada para os Bovinos, assim como um aumento acentuado do optimismo nas de Culturas Permanentes e Horticultura.

Dentro das classes de Dimensão Económica, o ano de 2001 é considerado relativamente melhor na classe acima de 16 UDE e abaixo de 40 UDE. O pessimismo provém, com maior incidência, das classes intermédias de 4 a 16 UDE.

Quadro 3. 4.3 - O ano decorrente relativamente ao anterior por Classe de Dimensão Económica (UDE)

Dimensão Económica	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
<4 UDE	13	11	16	14	7	10	14	12
4 a <8 UDE	17	16	16	13	10	7	15	14
8 a < 16 UDE	26	29	27	24	30	25	27	27
16 a < 40 UDE	29	32	29	36	41	47	31	35
>= 40 UDE	15	12	12	13	12	11	13	12
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	446	631	594	496	167	114	1207	1241

Ao relacionar cada ano, observa-se um maior fluxo de pessimismo das duas classes de dimensão económica compreendida entre 8 e 40 UDE, e na classe de 16 a 40 UDE o fluxo é de sentido contrário e ainda maior.

Relativamente aos níveis de Rendibilidade das empresas e por comparação do ano agrícola de 2001 com o ano de 2000, não há diferenças significativas, cerca de 2 pontos percentuais, entre as diferentes classes consideradas, quer no pessimismo quer no optimismo.

Quadro 3.4.5- O ano decorrente relativamente ao anterior por Níveis de Rendibilidade

Nível de Rendibilidade	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
<= 0.5	32	17	27	15	15	16	25	16
0.5 a <=0.9	43	43	47	39	55	39	46	41
>0.9	25	41	26	46	30	45	29	43
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	446	631	594	496	167	114	1207	1241

E é a classe de maior rendibilidade que mais contribui nestes anos, em aumentos quer de optimismo quer de pessimismo.

Relativamente às regiões agrárias, o pessimismo e o optimismo encontram-se distribuídos com alguma incidência, para a primeira situação, no Ribatejo e Oeste e Açores e para a segunda opção o Alentejo, Trás os Montes e a Beira Litoral.

Quadro 3.4.6 - O ano decorrente relativamente ao anterior, por Região Agrária

Região Agrária	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
E.Douro e Minho	13	14	18	16	13	15	16	15
Trás-os-Montes	13	12	21	20	13	18	18	16
Beira Litoral	15	7	9	4	15	11	11	6
Beira Interior	8	5	7	8	8	4	7	7
Ribatejo e Oeste	27	24	17	12	27	7	20	17
Alentejo	14	14	14	18	13	25	17	17
Algarve	3	4	6	6	4	1	4	4
R. A. da Madeira	7	4	8	5	7	7	7	5
R.A. Açores	0	16	0	11	0	12	0	14
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	446	631	594	496	167	114	1207	1241

Na comparação dos anos, o optimismo é transmitido por regiões como Alentejo e Trás os Montes e o pessimismo distribui-se mais por Entre Douro e Minho.

3.5. Perspectivas de médio prazo para a situação profissional na agricultura

Quando questionados sobre a perspectiva da vida profissional nos próximos 2/3 anos, através das opções de resposta de “*pior*”, “*igual*” e “*melhor*”, 60.3% declararam-se convictos de que no futuro próximo se assistirá a uma degradação da situação profissional, 30.3% consideraram que o quadro geral irá manter-se, e apenas 9.4% encaram com maior optimismo o seu enquadramento profissional futuro. Por outras palavras, estes resultados, quando comparados com os da questão anterior, denotam um certo agravamento da perspectiva pessimista já referida para o corrente ano. No ano anterior, para esta questão foram observados os valores de 58.1%, 33.7% e 8.2% respectivamente.

Relativamente aos grupos etários considerados, verifica-se que níveis de resposta otimista se encontram com maior frequência na classe mais jovem, com cerca de 38%. O pessimismo está instalado em todas as classes de idade.

Quadro 3.5.1 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Classe Etária

Idade	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
<= 40 ANOS	23	22	31	30	40	38	27	26
40 a <=50 ANOS	25	41	23	39	25	30	25	39
50 a <=60 ANOS	22	21	23	17	15	19	22	20
> 60 ANOS	30	16	23	14	20	13	26	15
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	701	748	407	376	99	117	1207	1241

Nos anos em causa, o pessimismo aumenta na classe de 40-50 anos, e nas restantes, verifica-se uma pequena diminuição. Em relação ao optimismo, apesar de um pequeno acréscimo, está mais concentrado nas classes de 40 a 60 anos.

Nas diversas classes de SAU verificou-se que o pessimismo está instalado em todas as classes de dimensão física, enquanto que o optimismo encontra-se com maior frequência, nas duas classes maiores, relativamente.

Quadro 3.5.2 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Classe de Área (SAU)

Dimensão Física	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
<= 5 ha	31	26	34	26	28	18	32	25
5 a <=20 ha	39	39	36	38	33	30	37	38
20 a <=50 ha	13	18	15	18	21	31	15	19
> 50 ha	17	17	15	18	18	21	16	18
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	701	748	407	376	99	117	1207	1241

Nos dois anos o pessimismo apenas aumenta na classe de dimensão física de 20 a 50 ha, classe essa, onde também o optimismo aumenta, acompanhado pela classe de maior dimensão.

As perspectivas profissionais de médio prazo diferem sensivelmente quando se consideram as diferentes orientações produtivas. As explorações de Bovinos são aquelas onde se verificam perspectivas tanto pessimistas como optimistas, mas neste caso, consegue integrar 44% de agricultores para a condição que vai ser melhor o futuro, e em conjunto com as empresas de Horticultura e Culturas Permanentes agregam mais de 70% dos optimistas. De salientar que a perspectiva negativa, abrange quase todas as empresas, ligeiramente mais as de Grandes Culturas e Agro-Pecuária.

Quadro 3.5.3- O Futuro da Profissão de Agricultor, por Orientação Produtiva

Orientação Produtiva	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
Grandes Culturas	12	11	6	5	10	5	10	8
Horticultura	8	7	14	12	15	9	11	9
Cult. Permanentes	20	23	34	29	27	18	25	25
Bovinos	18	23	15	26	18	44	17	26
Ovinos	11	11	8	9	11	9	10	10
Policultura	12	11	10	9	11	3	11	10
Agro-pecuária	19	13	13	9	8	9	16	11
Pecuária sem terra	0	1	0	1	0	1	0	1
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	701	748	407	376	99	117	1207	

A tendência pessimista agravou-se ligeiramente nos sistemas com a orientação para a Bovinicultura e Culturas Permanentes, no entanto é na classe dos Bovinos que duplicou o optimismo.

A decomposição das respostas por classe de Dimensão Económica da actividade das empresas mostra que o pessimismo está presente em todas as classes de UDE. As classes com maior percentagem de valores pessimistas, são também as que agregam maior optimismo, de 8 a 40 UDE.

Quadro 3.5.4 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Classe de Dimensão Económica (UDE)

Dimensão Económica	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
<4 UDE	13	11	17	15	6	9	14	12
4 a <8 UDE	15	15	16	13	13	12	15	14
8 a < 16 UDE	28	27	24	26	38	24	27	27
16 a < 40 UDE	30	33	31	35	34	46	31	35
>= 40 UDE	14	14	12	11	9	9	13	12
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	701	748	407	376	99	117	1207	1241

A tendência de aumento de pessimismo nestes anos encontra-se na classe com mais de 16 a 40 UDE, por outro lado, são as classes com UDE de menos de 4 e de 16 a 40 UDE, onde há um crescimento de valores para a opção melhor.

Relativamente às perspectivas dos empresários contidos em cada um dos níveis de rentabilidade considerados neste estudo, verifica-se que a distribuição das respostas, para a atitude pessimista encontra-se em todos os níveis de rentabilidade. É na classe de rentabilidade superior que se verifica o maior grau de optimismo.

Quadro 3.5.4 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Níveis de Rentabilidade

Nível de Rentabilidade	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
< = 0.5	28	17	27	16	16	10	27	16
0.5 a <=0.9	46	41	46	43	54	36	47	41
>0.9	26	42	27	42	30	54	26	43
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	701	748	407	376	99	117	1207	1241

Dentro dos anos, o pessimismo aumentou dentro das empresas de rentabilidade maior, como também o optimismo.

O resultado mais pessimista foi obtido nas regiões de Entre Douro e Minho, Alentejo e Ribatejo e Oeste, a admitirem uma degradação do horizonte profissional a médio prazo. Em Trás os Montes é onde se concentra a maior satisfação no futuro, seguido dos Açores e do Alentejo.

Quadro 3.5.4 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Região Agrária

Região Agrária	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
E.Douro e Minho	18	17	16	13	5	6	16	15
Trás-os-Montes	14	12	23	18	32	31	18	16
Beira Litoral	15	9	5	2	5	3	11	6
Beira Interior	7	6	7	8	3	3	7	7
Ribatejo e Oeste	20	18	17	20	26	10	20	17
Alentejo	19	17	14	15	10	18	17	16
Algarve	2	4	9	5	3	3	4	4
R. A. da Madeira	5	4	9	6	15	5	7	5
R.A. Açores	0	13	0	13	0	21	0	14
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	701	748	407	376	99	117	1207	1241

A tendência mostra que o pessimismo continua sensivelmente igual em todas as regiões, com uma quebra acentuada na Beira Litoral comparativamente com o ano anterior. O optimismo aumentou no Alentejo apesar de continuar concentrado em Trás os Montes.

Quando se relaciona a perspectiva da vida profissional nos próximos 2 a 3 anos, com a situação presente, quer na atitude pessimista, quer na atitude optimista, os resultados denotam um certo agravamento da perspectiva pessimista.

O pessimismo agrava em todos os tipos de empresários, apresentando uma relação de 1,1 empresários pessimistas a médio prazo, para um actualmente, que consideram o momento actual menos grave que o futuro.

O optimismo, apesar de ser bastante escasso, mantêm-se: há um empresário optimista a médio prazo para um a curto prazo, denotando-se um aumento muito ligeiro no futuro,

havendo um grupo com cerca de 33% que se mantém optimista quer na situação actual quer na futura, e com 11% que passa da situação de igual para melhor e 4% da situação pessimista.

3.6. Principais dificuldades sentidas pelo agricultor

Pretendeu-se averiguar quais as principais dificuldades sentidas pelos empresários inquiridos, admitindo-se apenas referência à dificuldade à que é atribuída, pelo próprio, maior importância. Tratando-se de uma pergunta aberta, após análise e classificação do conjunto de respostas, constituíram-se cinco grandes grupos de dificuldades: Socio-Políticas, Agro-Climáticas, Economia da Empresa, Enquadramento Económico Global e Dificuldades Internas da Empresa.

Genericamente, as dificuldades associadas ao Enquadramento Económico Global da actividade das empresas (escoamento dos produtos, custo dos factores de produção, rendimentos e margens de lucro baixos, entre outras) foram as mais referenciadas (51% das respostas); em segundo lugar, foram referidos os Bloqueamentos Estruturais (Dificuldades Internas) das empresas, em 21% das respostas. Por ordem decrescente de importância, surgiram os factores Agro-climáticos, a Situação Socio-política, e finalmente, a Situação Económica da Empresa, com 10%, 10% e 6% das respostas, respectivamente. De salientar, que cerca de 2% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade.

A decomposição das dificuldades sentidas por classe etária denota uma tendência para a referência da Situação Agro-Climática e de Economia da Empresa pela classe mais jovem. No entanto, a classe de 40 a 50 anos assinala com ênfase as condições climatéricas como factores associadas ao Enquadramento Económico da Actividade, sejam factores Internos da Empresa ou não e de Estrutura. O grupo de 50 a 60 anos manifestam uma preocupação menor com a economia da empresa e com o clima, por outro lado, de natureza Socio-Político são as preocupações dos empresários com mais de 60 anos.

Quadro 3.6.1- Principais Dificuldades por Classe Etária

Idade	Socio-Político		Agro-climático		Economia Empresa		Quadro Económico		Estrutura Empresa		Total	
	%		%		%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
<= 40 ANOS	18	18	31	30	44	39	27	26	24	25	27	25
40 a <=50 ANOS	15	27	22	42	29	43	26	40	25	41	25	38
50 a <=60 ANOS	20	21	22	17	12	11	23	21	20	21	21	20
> 60 ANOS	46	35	24	11	15	7	24	14	30	14	26	15
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	99⁽¹⁾	98⁽¹⁾
Total de Explorações	128	127	83	130	75	68	633	636	244	261	1192	1222

⁽¹⁾ Cerca de 1% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade em 2000

⁽²⁾ Cerca de 2% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade em 2001

Dentro dos anos as dificuldades de natureza Socio-Político, Enquadramento Geral da empresa, a Economia na sua globalidade e questões relacionadas com o Funcionamento da Empresa aumentou na classe de 40 a 50 anos, onde é sentida com bastante intensidade. As condições Agro-Climáticas, continua a ser um problema duas classes mais jovens.

As dificuldades referidas pelos empresários, quando desagregadas por classes de SAU, mostram-nos que nas duas classes de menor dimensão física, há maior incidência das condições Socio-Políticas. As dificuldades que resultam de limitações provocadas pelas condições Agro-climáticas afectam todas as dimensões, principalmente com mais de 5 ha de SAU. As Economias da Empresa são também mais insistentemente referidas pela classe de mais de 5 ha de SAU. O quadro Económico estende-se por todas as classes mas a Estrutura é mais visada pela classe menor.

Dentro dos anos, as dificuldades de natureza Socio-Político aumentaram relativamente na Classe pequena/média. As condições Agro-Climáticas, passou a ser um problema ainda maior nas duas classes intermédias de área. Aumenta ligeiramente nas três classes maiores o Enquadramento Geral da empresa. A Economia na sua globalidade, cresce nas duas classes maiores e nas três quando se invocam as questões relacionadas com o Funcionamento da Empresa.

Quadro 3.6.1- Principais Dificuldades por Classe de Área

Dimensão Física	Socio-político		Agro-climático		Economia Empresa		Quadro Económico		Estrutura Empresa		Total	
	%		%		%		%		%		%	
	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001	2000	2001
<= 5 ha	36	29	30	20	24	19	30	25	36	29	32	25
5 a <=20 ha	37	41	20	37	37	39	42	38	31	34	37	37
20 a <=50 ha	9	13	16	23	19	21	13	19	14	21	14	19
> 50 ha	18	17	34	20	19	21	14	18	15	16	16	17
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	97⁽¹⁾	98⁽²⁾
Total de Explorações	128	127	83	130	75	68	633	636	244	261	1192	1222

⁽¹⁾ Cerca de 1% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade em 2000

⁽²⁾ Cerca de 2% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade em 2001

O conjunto de questões de natureza Socio-política são referidos, com alguma insistência, pelas classes orientadas para Culturas Permanentes, Bovinos, e nas Grandes Culturas. As dificuldades de natureza Agro-Climática possuem expressão considerável nas explorações das classes orientadas para Bovinos e Ovinos que também salientam os aspectos decorrentes de limitações da Economia da empresa, acompanhados pelas classes que são especializadas em Culturas Permanentes. Nos aspectos associados ao Enquadramento Económico Global, assumem grande peso em todas as especializações. Com Dificuldades Estruturais encontram-se as empresas orientadas para as Culturas Permanentes.

Relativamente à Dimensão Económica das empresas, apenas existem ligeiras variações na importância dada aos aspectos ligados ao Enquadramento Socio-Político, pelas classes de menores UDE, como nas questões de natureza climatérica sobressai as classes de 4 a 16 UDE; a Economia de empresa é por parte da quarta classe de dimensão económica; As dificuldades resultantes do Enquadramento Económico Global encontram-se, com maior frequência, nas três classes de maior UDE e de Funcionamento nas classes com menos de 4 UDE e de 16 a 40 UDE.

Atendendo ao nível de Rendibilidade das empresas, verificam-se ligeiras diferenças entre as classes consideradas. A classe das empresas consideradas rendíveis referem so-

bretudo dificuldades nas esferas da Socio-Política, do Clima e Enquadramento Económico das

Empresas e principalmente na Estrutura da Empresa, enquanto que a classe intermédia assinala as limitações resultantes das Condições Climáticas e a Economia Global e as não rendíveis as condições Socio-Políticas.

Por especificidade das regiões, o Enquadramento Socio-Político aparece com muita intensidade nas regiões de Beira Litoral, Alentejo e Entre Douro e Minho. As condições Climáticas são a preocupação de regiões como os Açores, Ribatejo e Oeste e Alentejo. Quanto à Economia das Empresas é assinalado de uma forma concentrada pelo Alentejo, Beira Interior e Açores e a Economia Global com maior insistência no Ribatejo e Oeste. Finalmente o carácter estrutural é evidenciado pelas regiões de Trás os Montes, Entre Douro e Minho e Madeira.

Conclusões

A informação trabalhada tem origem num painel de 1241 produtores, devendo os resultados ser tomados com carácter meramente indicativo, sujeitos às habituais restrições colocadas em operações com estas características.

Os inquiridos manifestam pessimismo quanto ao momento actual, presentindo um agravamento das condições profissionais no futuro próximo. Contudo, cerca de 16% dos empresários pretendem continuar a desenvolver as suas explorações, prevendo assim um futuro mais optimista.

Quanto à intenção de modificação sensível em 2001, foram apurados os valores de 5.0%, 16.4% e 78.6% dos inquiridos, respectivamente para a diminuição, o aumento e a manutenção do actual sistema de produção. Verifica-se uma muito forte tendência para a estabilidade a curto prazo para a generalidade dos sistemas produtivos; contudo, foram encontradas diferenças significativas no peso relativo das atitudes activas, seja no sentido da retracção, seja no da expansão dos actuais sistemas produtivos. As intenções de modificação dos sistemas diferem com a classe etária dos empresários (aumento para os mais jovens e retracção para os mais idosos), com a dimensão física e económica

(diminuição nas pequenas dimensões e aumento para as maiores) e com o nível de rentabilidade (aumento nas duas classes mais rentáveis e diminuição na generalidade das classes de rentabilidade), e com a orientação técnica (em aumentos e diminuições de classes especializadas em culturas permanentes e bovinos) e com a região (aumentos em Trás os Montes e Entre Douro e Minho, mas esta região também participa em diminuições, com a Beira Litoral, Ribatejo e Oeste e Açores).

As estratégias de médio prazo identificadas, retractadas através de três opções principais (manutenção, expansão e retracção), atingiram valores de 76.0%, 13.1% e 11.0%, respectivamente. Tal como nas intenções expressas relativamente ao curto prazo, predominam atitudes expectantes de não modificação sensível dos sistemas produtivos, distribuindo-se este posicionamento de forma quase uniforme por todas as regiões. Verifica-se uma certa coerência entre as posições face às opções de curto prazo, em cada grupo de empresários formados a partir dos critérios de decomposição do painel.

Cerca de 81.7% dos agricultores não tencionam complementar o rendimento agrícola com outras fontes. No entanto, 16.7% dos empresários pretendem recorrer a fontes de rendimento externas à exploração; apenas 1.6% dos produtores contactados admitem desenvolver formas complementares de rendimento internamente na empresa. Esta perspectiva é característica dos sistemas produtivos com uma sazonalidade mais acentuada de ocupação de mão-de-obra; os sistemas de mão-de-obra intensiva por tendência não aderem a este tipo de processo de aumento de rendimento; relativamente aos outros sistemas diversificados, designadamente os que incluem actividades pecuárias e culturas permanentes, mostram o sentido de obtenção de rendimentos não agrícolas no exterior da empresa. A procura de rendimentos não agrícolas constitui uma opção, sobretudo, para os empresários responsáveis de empresas com menores níveis de rentabilidade, área e idade.

Na opinião do inquiridos a expectativa relativa ao ano de 2001 assemelha-se à do ano de 2000, com agravamento das tendências pessimistas: as opções “*pior*”, “*igual*” e “*melhor*” agregaram 50.9%, 39.9% e 9.2% dos produtores inquiridos, respectivamente. O optimismo verifica-se com mais incidência nos grupos etários extremos, com dimensão

física (SAU) intermédia e a económica (UDE) num campo superior, com rendibilidade aceitável e orientadas para actividades como culturas permanentes.

Sobre a perspectiva da actividade profissional nos próximos 2/3 anos, 60.3% declararam-se convictos de que no futuro próximo se assistirá a uma degradação da situação profissional, 30.3% consideraram que o quadro geral irá manter-se e apenas 9.4% consideram mais optimista o seu enquadramento profissional futuro. Ou seja, quando comparados estes resultados com os da questão anterior, denota-se um certo agravamento da tendência pessimista já referida para o corrente ano. Em todas as regiões predominam as atitudes pessimistas, verificando-se uma tendência para o agravamento também em todos os grupos etários. O pessimismo diminui com o aumento da dimensão física das empresas, e em todas as classes especializadas. O pessimismo é inversamente proporcional ao nível de rendibilidade das explorações agrícolas e cresce com a dimensão económica, com excepção da maior.

As dificuldades no Enquadramento Económico Global foram as mais referenciadas (51% das respostas) pelos inquiridos; nesta categoria de dificuldades sobressaíram, como principais dificuldades, o escoamento da produção, os custos dos factores e o nível de rendimento. Em segundo lugar, de forma distanciada deste primeiro conjunto, foram referidos os Bloqueamentos de Natureza Estrutural das Empresas (em 21% das respostas); os Factores Agro-climáticos, a Situação Socio-política e a Situação Económica da Empresa atingiram apenas 10%, 10% e 6% das respostas, respectivamente. Apenas 2% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade.